



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**NILVA THEREZINHA DUTRA PINTO**

**(depoimento)**

**2010**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E188

**Entrevistada:** NILVA THEREZINHA DUTRA PINTO

**Nascimento:** 29/08/1934

**Local da entrevista:** Residência da entrevistada, Porto Alegre - RS.

**Entrevistadora:** Christiane Garcia Macedo

**Data da entrevista:** 13/10/2010

**Transcrição:** Christiane Garcia Macedo

**Copidesque:** Christiane Garcia Macedo

**Pesquisa:** Christiane Garcia Macedo

**Total de gravação:** 48 minutos e 22 segundos

**Páginas Digitadas:** 13

**Observações:** Após leitura, a entrevistada alterou alguns trechos do depoimento.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

PINTO, Nilva Therezinha Dutra. *Nilva Pinto (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

## **Sumário**

Família de Nilva Pinto; envolvimento com a dança; profissão; formação; período na Escola de Educação Física; formação do Conjunto de Folclore Internacional “Os Gaúchos”; pessoas que participaram e apoiaram o grupo; repertórios; funcionamento do grupo.

Porto Alegre, 13 de outubro de 2010. Entrevista com Nilva Therezinha Dutra Pinto, a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. - Gravação da primeira entrevista com a professora Nilva Therezinha Dutra Pinto, hoje é dia 13 de outubro de 2010. Então professora, vamos começar, primeiro data de nascimento?

N.P. – 29 de agosto de 1934

C.M. – Local de nascimento?

N.P. – Bom Jesus

C.M. – Aqui no Rio Grande do Sul?

N.P. – No Rio Grande do Sul, Serra.

C.M. – Bom professora, primeiro agente queria que você falasse da sua família, situação econômica, de onde veio a família, quantos filhos?

N.P. – A família do meu pai é de Vacaria<sup>1</sup>. E a minha mãe é de Bom Jesus. Minha mãe morava em fazenda, família Dutra. Meu pai, de família bem mais simples, foi professor, secretário e prefeito em Vacaria. Minha mãe estudou em São Leopoldo, interna no Colégio São José, e meu pai no Grupo Escolar em Vacaria. Pelo seu esforço e dedicação aos estudos tornou-se político e aderiu ao partido PSD<sup>2</sup>, pelo qual foi eleito Deputado Estadual, permanecendo na Assembleia Legislativa por 12 anos consecutivos. Mais tarde diretor e presidente da então Caixa Econômica Estadual<sup>3</sup>. Em 1974, faleceu minha mãe, e meu pai perdeu o interesse pela vida pública, abandonou a carreira política. Somos cinco irmãos, todos vivos e trabalhando nas mais diversas áreas: letras, direito, relações públicas, contabilidade e educação física. Tenho uma filha, Maria Olivia e meu neto, Lorenzo.

C.M. – Qual era o nome dos seus pais?

N.P. – Porcínio Borges Pinto e a minha mãe Maria Olívia Dutra Pinto.

C.M. – E na sua família alguém se envolveu com alguma prática, com dança, esportes, etc?

N.P. – Não, por incrível que pareça não. Por que no interior, a prática do esporte ou dança não era divulgada. Ninguém tinha interesse. Eu me lembro de quando eu era criança, que morava em Bom Jesus, as freiras do hospital, que eram as mesmas do Colégio São

---

<sup>1</sup> Cidade da região norte do estado do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Partido Social Democrático.

Leopoldo, onde estudei, entusiasmasavam a juventude para esta prática. Havia três professoras irmãs, não sei se eram naturais de lá, isso eu não me lembro, ensinavam dancinhas, no colégio, na igreja. Fazíamos muito este tipo de coisa na igreja. Teatro, eu adorava. Teatro e danças que agente mesmo coreografava. Sem sapatilhas, sem nada, sem saber nada, nem que existia Ballet Clássico. Então da família não herdei nada.

C.M. – Como você se envolveu com a dança?

N.P. – Quando eu fui para o internato em 1945. 46, 47, 48, 49, 50. Em São Leopoldo, eu conheci Rose Marie Schmitz, hoje falecida, filha de Lya Bastian Meyer<sup>4</sup> e que dançava ballet com a mãe. No colégio ela nos ensinava alguns passos. “vou pedir para minha mãe pra trazer alguns tutus românticos<sup>5</sup>”. Não sabíamos que tipo de roupa era. Dona Lya chegava com as roupas e agente vestia. Era uma festa. E interpretávamos Chopin<sup>6</sup>, Tchaikovisk<sup>7</sup>, Litz<sup>8</sup>, etc, nada folclórico. Foi aí que pela primeira vez eu conheci o Ballet. Em 1951 viemos pela primeira vez, para a capital gaúcha. Fui estudar com a Dona Lya e entrei pela primeira vez no Teatro São Pedro<sup>9</sup>. Fiquei encantada ao assistir a Suite Masquerade<sup>10</sup>, com orquestra, a orquestra da OSPA<sup>11</sup>, sob a regência do Maestro Salvador Campanella<sup>12</sup>. Fiquei encantada. Foi a primeira vez que vi Morgada Cunha<sup>13</sup>, primeira bailarina da Escola Oficial de Danças de Porto Alegre<sup>14</sup>, dançando e logo entrei para o Ballet, com Dona Lya, que me ofereceu a participação no curso oficial, que a Secretaria de Educação, mantinha e tínhamos diploma. No final do curso, no último ano criávamos coreografias. Uma coreografia clássica, uma coreografia moderna e uma folclórica. Fomos

---

<sup>3</sup> Instituição Bancária. Na época citada pertencia ao governo do estado do Rio Grande do Sul. Desde 1998 foi incorporada ao Banco Banrisul.

<sup>4</sup> Professora Eliane Clotilde Bastian Meyer Schmitz, mais conhecida como Lya Bastian Meyer, foi uma das personalidades mais importantes na consolidação da dança clássica em Porto Alegre, nascida em 1911.

<sup>5</sup> Os Tutus românticos são as saias características das bailarinas clássicas, que possuem uma armação, criada para que a técnica da bailarina pudesse ser apreciada revelando suas pernas.

<sup>6</sup> Frédéric François Chopin, pianista e compositor, nascido em 1810, na Polônia.

<sup>7</sup> Piotr Ilitch Tchaikovsky, compositor russo, nascido em 1840.

<sup>8</sup> Franz Litz, compositor e pianista húngaro, nascido em 1811.

<sup>9</sup> Teatro na cidade de Porto Alegre, fundado em 1858, administrado pelo estado. Localizado na Praça Marechal Deodoro, centro.

<sup>10</sup> Música composta por Aram Khachaturian, em 1944.

<sup>11</sup> Orquestra Sinfônica de Porto Alegre.

<sup>12</sup> Maestro italiano nascido em 1907, veio para o Brasil em 1932.

<sup>13</sup> Morgada Assumpção da Cunha, bailarina e professora de dança.

<sup>14</sup> Escola de Balé dirigida por Lya Bastian Meyer.

nos familiarizando com outros tipos de danças. Existiam várias escolas D. Tony<sup>15</sup>, Salma Chemale<sup>16</sup>, Suvarine<sup>17</sup>, Professor Rolla<sup>18</sup>, todos apresentavam seus espetáculos de Ballet no Teatro São Pedro. Não existia outro lugar, e era muito fácil conseguir apresentar o espetáculo no maravilhoso teatro. Hoje em dia temos dificuldades para estas apresentações. A Dona Eva Sopher<sup>19</sup>, levantou o Teatro São Pedro, mas ele ficou muitíssimo elitizado. Já estive no Teatro com meus dois grupos, Conjunto de Folclore Internacional “Os Gaúchos”<sup>20</sup> e Show Musical Anchieta Canto e Dança<sup>21</sup>. Muita exigência.

C.M. – Professora, como é o nome da escola de freiras?

N.P. – Colégio São José de São Leopoldo<sup>22</sup>. Ainda existe.

C.M. – Era coordenado por freiras?

N.P. – Freiras franciscanas, que é a mesma do Colégio Bom Conselho<sup>23</sup>.

C.M. – Professora, a senhora se envolveu com algum outro tipo de arte ou de esporte, de prática corporal?

N.P. – Sim, formamos um grupo, que se chamava “O Nosso Balé”. Quando Dona Lya soube, ficou muito desgostosa. Nós, inocentemente. Minha irmã, Ilse Simon<sup>24</sup>, Cecy Costa<sup>25</sup>, a Mariazinha Batista<sup>26</sup>, Selma Pastro<sup>27</sup> e outras, viajamos muito. Só que Dona Lya não gostou da idéia, porque ainda estávamos na escola com ela.

C.M. – Dançando Ballet Clássico?

N.P. – Sim. Ballet. Junto com outras alunas, Eneida Deier<sup>28</sup>, a Sandrinha Guimarães<sup>29</sup>, formavam uma dupla fora de série, maravilhosa, como crianças. A Eneida tornou-se,

<sup>15</sup> Antonia Seitz Petzhold, mais conhecida como Tony Petzhold, foi uma das personalidades mais importantes na consolidação da dança clássica em Porto Alegre, nascida em 1914.

<sup>16</sup> Bailarina e professora de dança.

<sup>17</sup> Souvarine Louniev, bailarino, nascido em 1923.

<sup>18</sup> João Luiz Rolla, bailarino e professor de dança, nascido em 1912.

<sup>19</sup> Nomeada em 1975 pelo governador Synval Guazelli, para dirigir as obras de reconstrução e restauração do teatro. Posteriormente é nomeada como presidente da Fundação Theatro São Pedro ficando neste cargo até 1984.

<sup>20</sup> Grupo autônomo, com sede em Porto Alegre, fundado em 1959.

<sup>21</sup> Grupo ligado ao Colégio Anchieta, instituição de ensino particular, localizada em Porto Alegre.

<sup>22</sup> Colégio de irmãs franciscanas, ainda existente, fundado em 1872. Foi o primeiro estabelecimento fundado no Brasil pelas Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã da Terceira Ordem Regular de São Francisco de Assis. Se localiza na cidade de São Leopoldo-RS.

<sup>23</sup> Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, de irmãs franciscanas, ainda existente, fundado em 1905. Se localiza na cidade de Porto Alegre-RS.

<sup>24</sup> Ilse Alice Simon, bailarina.

<sup>25</sup> Nome não encontrado.

<sup>26</sup> Nome não encontrado.

<sup>27</sup> Nome não encontrado.

<sup>28</sup> Bailarina e professora de dança.

quando adulta, grande bailarina. No esporte, na Escola de Educação Física, Eduino<sup>30</sup>, cujo sobrenome não lembro, casou com a Eneida Muqsvel<sup>31</sup>, que era filha do professor Muqsvel<sup>32</sup> de Educação Física, que tem livros editados. O Eduino formou um grupo de vôlei, um time de vôlei, e nós viajamos muito também. Fomos a Pelotas, Rio Grande, fizemos uma excursão a Buenos Aires. Foi muito, muito bom. Dona Lya era professora na Escola de Educação Física e a Dona Tony também. Dona Tony era natação e a dona Lia era rítmica.

C.M. – Quais as escolas e que tipo de dança você fez durante toda a vida?

N.P. – Quando eu comecei a trabalhar em escolas, a minha primeira foi o Colégio Estadual Candido José de Godoi<sup>33</sup>, onde fiquei 30 anos. Nunca troquei de colégio. Concomitantemente eu trabalhava em Gravataí, no Dom Feliciano<sup>34</sup>. Também de freiras, mas não as mesmas freiras do São José. Lá eu fiquei dois anos só. As irmãs não concordavam muito com o meu trabalho. Eu era muito jovem e tinha muitas ideias. Ao sair da faculdade temos sempre muitos trabalhos para realizar. E elas não concordavam. No Godoi eu fiz muitos trabalhos, tenho várias condecorações: semana da pátria, na data do aniversário do colégio, etc. Fomos também a Buenos Aires, aos Jogos Estudantis, fomos a São Paulo, Campinas, Brasília, Alagoas. Muitos trabalhos. Qualquer tipo de festa o Clube de Danças do Colégio Godoi era convidado. Até hoje temos fotos no colégio e muitas recordações. Tem meninas que me escrevem até hoje, me mandam fotografias dos filhos e que eram daquela época. Muito bom. Tenho muita saudade daquela época. E os professores me davam muito apoio. As diretoras foram maravilhosas comigo no colégio Godoi. Já no das freiras, lá de Gravataí, não tive o mesmo resultado, embora tenha tentado. Mas no Colégio Anchieta eu estou a 42 anos<sup>35</sup>. Toda uma vida.

C.M. – Você fez outros tipos de dança, além do Ballet?

N.P. – Sim. Quando entrei no Godoi era só o primeiro grau. Primeira série, segunda, terceira e quarta. Não existia como agora, primeira a quarta série, quinta a oitava. Era diferente. Mais tarde entrou segundo grau, eram moças. E como nunca estudaram dança,

---

<sup>29</sup> Nome não encontrado.

<sup>30</sup> Nome não encontrado.

<sup>31</sup> Eneida Muxfeldt Barbosa.

<sup>32</sup> Professor Hugo Muxfeldt.

<sup>33</sup> Instituição de ensino público, ainda existente, localizado na Avenida França, 400 – Navegantes, Porto Alegre –RS.

<sup>34</sup> Colégio Particular, ainda existente, na cidade de Gravataí – RS, mantido pelas Irmãs do Imaculado Coração de Maria.

<sup>35</sup> A professora completou 42 anos de trabalho no Colégio Anchieta no ano de 2010.

era difícil. Eu não fazia teste. Bastava ter vontade, entrava no grupo. Eu fazia coreografia, de acordo com o elemento que tinha nas mãos. Folclore, dança com imagem, ballet nunca, não tinham condições. Ballet mal executado não se aceita. Eram coreografas mais simples, empregadinhas, palhaços, cowboys, Caribe, piratas. Apresentamos no Colégio Militar. Os meninos adoravam. Dançávamos em praças, chás, jantares, teatro... Era uma vida muitíssimo agitada.

C.M. – Você fez algum curso como aluna?

N.P. – Sim e dei também muitos cursos em várias faculdades.

C.M. – Quais os que você fez?

N.P. – Calistênia<sup>36</sup>. Fizemos ballet, folclore, na Escola de Educação Física de Buenos Aires, curso com professores alemães<sup>37</sup>, que pela primeira eu entendi que a dança dentro de uma determinada música, poderia ter palavras. Não só palavras, como também ruídos, “bum”, “hum”, “aaa”. Sabe. Não lembro o nome dos professores. Uma professora que até ficou doente, era um mês de setembro. Vários cursos também que fizemos, com Paixão Cortes<sup>38</sup>, Dr. Antônio Augusto Fagundes<sup>39</sup>, sobre folclore. Como me dediquei ao folclore... Uma professora Uruguaia cujo marido foi transferido para cá, para fazer um trabalho, chegando aqui e dirigiu-se à Mesa Redonda Pan-americana<sup>40</sup>, onde se reuniam as consulesas. Dona Marina Cortinas Lampros<sup>41</sup> visitou então, escolas de ballet e Centros de Tradições. A 52 anos atrás eram poucos os CTGs<sup>42</sup>. Dona Marina convidou vários dançarinos e dançarinas do que resultou a formação do Conjunto de Folclore Internacional “Os Gaúchos”. Comecei a aprender folclore, inclusive gaúcho, que não sabia nem o pezinho. A primeira viagem foi ao Uruguai.

C.M. – Vocês foram visitar o Uruguai?

---

<sup>36</sup> Tipo de ginástica, que utiliza movimentos lineares e angulares, com ou sem ritmo, muito usado no início da educação física, por trabalhar todas as partes do corpo.

<sup>37</sup> Wolf Gaug e Grasiela.

<sup>38</sup> João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes, folclorista e advogado, nascido em 1927, na cidade de Santana do Livramento – RS.

<sup>39</sup> Antônio Augusto da Silva Fagundes, advogado, jornalista, apresentador de televisão e folclorista, nascido em 1934, na cidade de Inhanduí - RS.

<sup>40</sup> A Mesa Redonda Pan-Americana de Mulheres é um movimento que foi fundado em 1916, na cidade de Santo Antônio no Texas-EUA, inspirado nos ideais de paz, união, liberdade e justiça, de acordo com as diretrizes do Libertador da América: Simão Bolívar. (Fonte: <http://assessoriainternacional1.blogspot.com/2010/09/mesa-redonda-pan-americana-de-mulheres.html>).

<sup>41</sup> Professora folclorista e pianista uruguaia fundadora do Conjunto de Folclore Internacional “Os Gaúchos”.

<sup>42</sup> Centro de Tradições Gaúchas.



N.P. – Fomos dançar no Festival de Salinas<sup>43</sup>. Foi a primeira vez que saí para dançar fora do Brasil.

C.M. – Nesta viagem já apresentaram danças folclóricas?

N.P. – Sim, danças folclóricas.

C.M. – E agora falando sobre a ESEF<sup>44</sup>, em que ano você ingressou lá, e como, por que você foi fazer o curso?

N.P. – Na realidade eu ia fazer faculdade de farmácia. Mas meu pai falou “tu estas tão envolvida com dança, com jogos..., ginástica, por que não vai para a Educação Física?”, eu disse acho que tu tens razão pai, é melhor eu ir para algum curso de ginástica, jogos, etc. Fui atrás dos papéis. Nós morávamos lá na Rua Clemente Pinto<sup>45</sup>, hoje uma rua bonita, que é a continuação da Carlos Barbosa, Terezópolis. Fiz vestibular. As provas práticas eram terríveis na época. Ainda existem provas práticas?

C.M. – Não, não.

N.P. – Eu não sabia nada. Nunca tinha nadado, nunca tinha jogado um dardo, um peso, nada. Como é que vou aprender? Meu pai me colocou no Grêmio Náutico União<sup>46</sup>. Que tem até hoje a mesma piscina olímpica. E o professor Gelser<sup>47</sup> me ensinou, acho que foi em dez dias, imagina como é que eu ia fazer a prova, aprendendo a nadar em dez dias? Consegui, passei no vestibular e entrei na escola. Adorei tudo que aprendi lá, fizemos excursão a Buenos Aires com os formandos, entrei em 55, 56. E 58 comecei a trabalhar oficialmente. Fiquei muito doente quando estava na Escola, pelo sol, e pelo excesso de trabalho físico. Em 1957, eu fiquei me recuperando. Comecei a trabalhar oficialmente em 1958. Eram só dois anos no superior. Entrei no curso superior. Tinha também o curso normal. Vários médicos foram meus colegas. Mais tarde os netos e os filhos deles foram meus alunos no Colégio Anchieta<sup>48</sup>.

C.M. – E como era a escola? Como você se lembra da ESEF?

N.P. – A escola era onde hoje é o Cemitério João XXIII<sup>49</sup>, era um Campo de futebol do Cruzeiro time de futebol. Era uma casa enorme de madeira, onde haviam duas salas para as

---

<sup>43</sup> Festival de Folclore.

<sup>44</sup> Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Na época ligada ao estado do Rio Grande do Sul.

<sup>45</sup> Em Porto Alegre – RS.

<sup>46</sup> Clube de esporte fundado em 1906.

<sup>47</sup> Nome não encontrado.

<sup>48</sup> Colégio Anchieta, instituição de ensino básico regular, fundado em 1890, localizado na Av. Nilo Peçanha, 1521, Porto Alegre – RS.

<sup>49</sup> Endereço: Avenida Natal, 60 - Medianeira Porto Alegre – RS.

aulas teóricas e um salão grande onde aconteciam as aulas de rítmica, reuniões, ou então festejos, mas as matérias de maior número de pessoas aconteciam também nesta sala grande. E havia outra casa onde ficava o bar, e onde ficava o material de ginástica, que os professores trabalhavam. Colchões, as massas, cordas, etc. Vôlei, basquete, lançamento de dardo, de peso, eram nas canchas. A natação ou era na SOGIPA<sup>50</sup> ou era no Grêmio Náutico União. Tênis era no parque tenístico, que ainda existe hoje, na Rua 24 de outubro, antes da praça Julio de Castilho. Tu vê, vínhamos da Carlos Barbosa, até o parque. Tomávamos dois bondes, o que era muito demorado. Mesmo assim adorávamos. Tive insolação e por esta razão fiquei em um ano. Tive hepatite também quando estava na escola. Mas eu adorava. O que que mais tremíamos era a cinesiologia. A cinesiologia e a ginástica rítmica. Que não era desportiva, era ginástica rítmica, era dança. E tinha a professora Zaíra Palhares<sup>51</sup> que também dava dança infantil. Estas duas matérias eram o terror da turma, nos reuníamos na casa de uma, escolhíamos a música, e íamos na casa da pianista, que era aqui na Florêncio Igartua<sup>52</sup>, era uma pianista maravilhosa. Íamos a casa para que Dona Regina<sup>53</sup> tocasse para podermos fazer a coreografia. E tinha que ser com piano, não era disco. Tínhamos uma matéria que era música. Líamos a partitura para fazer a coreografia. Mas graças a Deus, sempre no final dava certo. Tinha uma colega nossa que já fazia parte dos móveis e utensílios da ESEF. Acho que ficou uns anos na ESEF por causa da ginástica rítmica, coitadinha. Patrocina<sup>54</sup> se chamava. A Patro não conseguia, era toda fora da música. Se esforçava e chorava, mas nada dava certo com ela. Eu gostava muito da Patro sabe. Tenho muitas recordações tanto dos professores, do espaço que agente usava, dos colegas. Gostava muito, sempre.

C.M. – Lembra quais foram as outras disciplinas que a senhora fez? Música, cinesiologia....

N.P. – Música, cinesio, ginástica geral, ginástica rítmica, voleibol, basquete, desporto individual, fisiologia, anatomia, inglês.

C.M. – Inglês?

---

<sup>50</sup> Sociedade de Ginástica Porto Alegre, clube de esportes fundado em 1867.

<sup>51</sup> Nome não encontrado.

<sup>52</sup> Rua Florêncio Igartua.

<sup>53</sup> Regina Soares de Amaro, pianista.

<sup>54</sup> Patrocina Gomes Rodrigues.

N.P. – Fazia parte inglês. Inglês estava no vestibular. Como tive que estudar inglês. Como sabes, no colégio é meio flautiadinho. Tinha fisiologia. História, o professor de história era um militar. E o professor de anatomia, era pai do médico da minha irmã. Muito querido.

C.M. – E como é que eram as turmas? Tinha muita gente? Eram mais mulheres, mais homens?

N.P. – Não. Eram mais mulheres. Sempre mais mulheres. Porque os que eram médicos e os rapazes que eram do superior ficavam todos na mesma sala nas aulas teóricas. Nas aulas práticas não. Era diferente. Eles tinham algumas matérias que nós não tínhamos. Os médicos tinham matérias que eram diferentes de nós. Nós do superior e as do curso normal, eram mais simples. Também eram separados.

C.M. – O que os rapazes faziam a mais que vocês, mesmo fazendo o superior de educação física?

N.P. – Por exemplo, as aulas de natação deles eram muito mais difíceis. Trampolim, salto... Eu tinha muito medo. Aliás até hoje, não consigo entrar na água. Só brincando com o neto. Este receio vem da infância.

C.M. – E os professores?

N.P. – Os professores, maravilhosos. O professor de cinesiologia, era o professor Ruy<sup>55</sup>, que encontrei na Igreja Auxiliadora ajudando o Padre Maximo. Era médico. E também o Professor Ary<sup>56</sup>, seu assistente. Os dois eram médicos. Dona Olga<sup>57</sup>, professora de vôlei, casou com o professor Echart<sup>58</sup>, que era professor de basquete. Dos desportos individuais era a professora Iula<sup>59</sup>, sobrenome não me lembro. Professora Zaíra era rítmica infantil. Ginástica Geral, era uma professora muito querida mas eu não me lembro seu nome.

C.M. – E a dança na ESEF? O que era dado de dança na ESEF?

N.P. – Era só a rítmica. Que era dada pela Dona Lya. E a parte infantil pela Dona Zaíra, que sempre brigava comigo. Ela dizia: “Isso aqui não é ballet, guria. Não precisa se esticar deste jeito”. Sabes, tu estudas ballet e automaticamente tu ficas com pé esticado, joelho esticado, etc. Mas não precisava. Claro. Se eu vou pra um colégio, ensinar umas crianças de dez anos, o ensinamento é menos rígido. A Dona Lya fazia um trabalho muito bom. Lindo. Seu livro com a nova didática, não serve para alunos atuais. Teria que ser

---

<sup>55</sup> Ruy Gaspar Martins.

<sup>56</sup> Ary da Costa Mariante.

<sup>57</sup> Olga Valeria Kroeff Echart, professora entre 1951 e 1982.

<sup>58</sup> Waldir Calvet Echart.

<sup>59</sup> Iula Maria Green Herve.

recopilado, alterado, porque as coisas mudaram muito. Era muito bonito, ela começava com correr, saltar, caminhar. Quem não sabia caminhar, correr ou saltar, que são movimentos básicos, tudo se tornava mais difícil. Primeiro se fazia o básico, depois braços, pernas e tronco. Tinha uma aula que nunca vou esquecer, que com os movimentos dos braços, do corpo e das pernas, dentro de uma determinada música, se desenhavam os números, um, dois, três... O corpo inteiro trabalhava. Era muito interessante. Dona Lya nos dava também danças folclóricas. No aniversário da escola apresentamos uma dança holandesa e também tirolesa. Eu fui menino. Até hoje eu aplico os passos aos meus alunos. A Dona Lya era de origem alemã, e a Dona Tony também. As duas estudaram na Europa. Mas foi muito gostoso o curso todo, as colegas, os professores, as matérias. Eram muitas matérias. Atualmente não sei. Eram teóricas e práticas. As provas levavam dias. Primeiro as escritas, depois as orais e finalmente as práticas.

C.M. – Havia avaliação durante os jogos?

N.P. – Sim.

C.M. – E as teóricas como eram? Cada matéria tinha as provas teóricas e orais?

N.P. – Sim. Sorteávamos o ponto e desenvolvíamos o assunto, se soubéssemos é claro. Só passava quem sabia ou ficava de segunda época<sup>60</sup>. Era muito difícil. Os professores de hoje não são muito exigentes.

C.M. – Não, ainda é difícil.

N.P. – Concorde.

C.M. – É difícil, mais tem grupos dentro da faculdade, que pode achar o curso difícil ou fácil. Porque podemos escolher as disciplinas.

N.P. – Sim.

C.M. – Tem um numero de disciplinas que você é obrigado a fazer, são aquelas básicas e essenciais. Tem uma parte do currículo, não sei se 60%, que são as disciplinas que você escolhe.

N.P. – Sim.

C.M. – Às vezes nem tudo se faz na ESEF,

N.P. – Sim.

C.M. – Algumas na Antropologia, na Historia, na Educação.

N.P. – Sei, sei,

C.M. – Cada um direciona seu curso para o que mais gosta.

- N.P. – Assim é melhor, que no meu tempo. Éramos obrigadas a fazer todas as matérias.
- C.M. – Já estão discutindo uma nova mudança no currículo.
- N.P. – E atualmente, por exemplo, a rítmica é com piano?
- C.M. – Não, não tem mais pianista na escola, é tudo cd.
- N.P. – Professora tem que se adaptar.
- C.M. – Todos usam cd ou computador.
- N.P. – Sim.
- N.P. – O som fica baixinho?
- C.M. – Não, não tem caixas bem altas.
- N.P. – Ah!
- C.M. – Bom, professora, sobre a dança ainda na ESEF, além das disciplinas tinha algum outro tipo de envolvimento, a ESEF tinha algum grupo,
- N.P. – Não, naquela época não tinha nada. Eram só as aulas, os aniversários da ESEF, desfiles de juventude, que eu tenho até fotos desfilando uniformizados, bem bonitos, éramos obrigados a participar. Adorávamos. Não era nada de mais.
- C.M. – E quando você saiu da ESEF?
- N.P. – Sim.
- C.M. – Formada, você começou trabalhando com a Educação Física?
- N.P. – Só com a educação física.
- C.M. – E com a dança?
- N.P. – Não, só com a educação física, e depois do horário das aulas, em atividades extra curricular, convidava algumas alunas para fazermos alguma dança, para o aniversario do colégio, sete de setembro.
- C.M. – Hum.
- N.P. – Não era um grupo formado. Só mais tarde com o passar do tempo é que se formou o Clube de Danças do Godoi.
- C.M. – Você conseguia conciliar, você ainda dançava ballet na época?
- N.P. – Sim.
- C.M. – Como era essa conciliação?
- N.P. – Trabalhava no Godoi, Colégio do Estado, onde comecei a dar aulas. O Colégio não tinha sua casa própria. O horário era só a tarde, porque o Colégio Navegantes tinha suas aulas pela manhã. Entrávamos a tarde, até as 6 horas. Das 6 horas até as 7:30, eu convidava

---

<sup>60</sup> O aluno permanecia um tempo a mais em aulas, e realizava nova prova.

as alunas para dançarmos. Um dia era ballet, no outro folclore. Depois ia para a Escola de Ballet Lya Bastian Meyer, onde fazia aulas até as 21 horas.

C.M. – Hum.

N.P. – Não tinha grupo formado.

C.M. – Então, conta mais, como é que foi formado o Conjunto os Gaúchos?

N.P. – Sim. Em dezembro de 1959, a Senhora Marina Cortinas veio morar em Porto Alegre e como era professora de folclore em Montevideu, quis continuar este trabalho aqui. Convidou alunas de ballet e centros de tradições. Foi assim que se formou o Conjunto de Folclore Internacional, mais tarde Conjunto de Folclore Internacional “Os Gaúchos”. Dona Marina era pianista de mão cheia, para a primeira apresentação no Festival de Salinas no Uruguai, convidou os Carreiros, hoje os Araganos. Formaram o primeiro grupo, Cecília Assenato, Eri Assenato, Amelia Maristany Mayer, Nilza Pinto, Nilva Pinto, Claudio Lazzarotto, Jorge Karam, Dr. Antônio Augusto da Silva Fagundes. Eri Assenato se tornou grande folclorista. A Amélia desenhava os trajes, artista plástica. Juarez Fonseca era irmão da Cecília. Foi convidada também a Juraci do CTG da Varing. Assim fomos a Montevideu. Vários que eram do grupo já morreram. Dona Marina convidou também Juarez Fonseca que era irmão da Cecília Assenato. O primeiro grupo era formado por cinco mulheres, cinco homens, Dona Marina ao piano, o Edu no Arcodeon, o Zé no violão e Paulinho Pires que tocava o Serrote, tem discos gravados. A partir daí foi aumentando o grupo. Com muito sacrifício vivemos até hoje. Não temos auxílio de ninguém. Quando fazemos uma apresentação por ai, pedimos uma colaboração que é como agente se mantêm.

C.M. – Mais o grupo nunca teve financiamento nem de governo?

N.P. – Não agora mesmo um menino que foi do grupo e que trabalha na Globo<sup>61</sup> e morra no Rio de Janeiro, Edson Erdeman<sup>62</sup> que faz vários programas inclusive Criança Esperança<sup>63</sup>, fez um projeto para “Os Gaúchos”, mas o capitador conseguiu nada até hoje.

C.M. – Vocês foram aprovados e não conseguiram captar?

N.P. – Agora dia 13 de novembro seria nosso show de encerramento dos festejos de 50 anos. Não conseguimos, tivemos que desistir, era na UFRGS<sup>64</sup> agora vamos tentar a

---

<sup>61</sup> Emissora de Televisão.

<sup>62</sup> Nome não encontrado.

<sup>63</sup> Programa televisivo.

<sup>64</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Assembleia Legislativa que pelo menos, são apenas 3 salários mínimos. Assembleia que é do povo, 3 salários mínimos, mais luz, mais som, mais ECAD<sup>65</sup>, sai mais de 10 mil reais.

C.M. – É.

N.P. – O SESI no ano passado, quando andamos correndo atrás de teatro para fazer algo mais elaborado e não foi possível. O valor era altíssimo. Queríamos fazer um espetáculo bonito com decoração mas ficou só no papel.

C.M. – E no início como é que vocês faziam com sala, onde vocês ensaiavam?

N.P. – Nós ensaiávamos num Clube Espanhol<sup>66</sup>, no centro, Rua Andrade Neves, ainda tem esse Clube Espanhol ali. Depois Dona Marina alugava uma sala na Alberto Binz. Então passamos para lá. Depois o marido de Dona Marina teve que voltar para Montevideú, ela foi embora. Nós do folclore continuamos até hoje. Passamos um tempo ensaiando na escola da Dona Toni. Depois fomos para o auditório Araújo Viana, nos acolheram muito bem. Era uma sala pequena onde guardávamos o material. Quando fores à nossa sede, te mostramos nosso acervo. Depois a Ronete alugou uma casa na rua Côrte Real, para fazer uma academia. Ficamos ali algum tempo. Ronete casou e não quis mais academia. Foi então que mudamos para a Travessa do Carmo, onde estamos até hoje. Em troca do espaço, temos 12 espetáculos para a Prefeitura,<sup>67</sup> por ano, gratuitamente. Estamos nesta sede a quase 30 anos. Cada vez que entra novo governo é uma incomodação. É uma luta constante.

C.M. – E no início, quem decidia, como era? O que ia ser apresentado era decisão de quem?

N.P. – Era da Dona Marina ela fazia tudo era a proprietária do grupo. Depois que Dona Marina foi embora, aí o Dr. Antônio Augusto Fagundes que tu conheces do Galpão Crioulo<sup>68</sup>, onde está até hoje, foi nosso diretor, muito tempo, ele é escritor, poeta, advogado e folclorista. Apresentava o grupo. Quando completamos 40 anos foi ele que apresentou. No ano passado não quisemos ninguém. Nico<sup>69</sup> fazia muita falta. Deixamos só com Programa, bem simples. Nico e sua esposa participaram do Conjunto de Folclore Internacional muitos anos. Dois cargos são eletivos no grupo, o diretor e o vice diretor. Os

---

<sup>65</sup> Taxa paga por eventos pelo direitos autorais das músicas utilizadas.

<sup>66</sup> Clube social e restaurante, localizado na Rua General Andrade Neves, n. 85, Porto Alegre – RS.

<sup>67</sup> Prefeitura de Porto Alegre.

<sup>68</sup> Programa com temática regionalista transmitido pela emissora RBS (Filiada da Rede Globo), aos domingos de manhã.

<sup>69</sup> Apelido de Antônio Augusto da Silva Fagundes.

outros cargos são de confiança. Atualmente o doutor Luiz Antônio de Azambur é o diretor, que é médico, e o vice-diretor é o Alexandre Grivicick, arquiteto formado pela PUC.

C.M. – A senhora é a coreógrafa?

N.P. – Sou a coreógrafa e a diretora artística.

C.M. – Desde quando?

N.P. – Desde que saiu a Dona Marina, começamos a participar de muitos festivais internacionais.

C.M. – Quando ela saiu mais ou menos?

N.P. – Em 1959 foi fundado o grupo acho que no máximo até 1962, foi diretora e fundadora do grupo. Dona Marina veio fazer um trabalho temporário, e nos ensinou muitas coisas. Depois estudando e participando de festivais internacionais, é que eu vi que muitas coisas não estavam muito certas. No Panamá, por exemplo, tem uma dança que se chama tamborito. E Dona Marina fez um tambor e colocou duas meninas dançando em cima. Tamborito é uma dança de pares, cada par vai no centro e executa sua coreografia, tendo algumas figuras marcadas e comuns a todos. O Professor Clovis Rocha realizou um festival internacional, aqui em Porto Alegre. Na Assembleia. Foi muito bonito, ele está fazendo um trabalho de qualidade. Clovis trouxe quatro grupos do exterior. Várias cidades do Rio Grande do Sul realizaram. Festivais internacionais: Passo Fundo, Nova Petrópolis, Nova Prata, Porto Alegre, etc. Olímpia São Paulo tem um festival de grande porte e muito famoso.

C.M. – Existe um encontro de folclore também em Goiás, em Alto Paraíso.

N.P. – Este ainda não fui. Fui em Belém do Pará, onde participamos do Festival Nacional.

C.M. – São grupos que apresentam folclore nacional somente.

N.P. – É internacional?

C.M. – Porque que alguns são competitivos e outros não?

N.P. – A maioria dos festivais de folclore, nacionais e internacionais, não são competitivos. Depende da organização. Já participamos de dois competitivos: Cárceres na Espanha, onde tiramos o primeiro lugar e Buenos Aires onde tiramos o segundo lugar. Nos festivais que já fomos na Europa, e na Argentina aprendemos muito. Alguns festivais são realizados em circuito com várias cidades.

C.M. – Danças brasileiras, eram dançadas no começo do grupo?

N.P. – Sim.

C.M. – Ou eram, mais as internacionais?



N.P. – Mais internacional, mais tinha muito Brasil também. Na primeira vez que saímos fora do país me lembro que até eu dançava frevo. Dona Marina tinha algumas coreografias escritas, não sei de onde ela trouxe. Nos ensinava, não entendíamos nada. Mas executávamos. Hoje temos no repertório muita dança brasileira, frevo, samba, xaxado, coco de roda, carimbo, ciranda, gaúcho claro não pode faltar, batuque. O Conjunto de Folclore Internacional “Os Gaúchos” trabalha com adaptação de temas folclóricos. Temos um programa que se chama “Brasil de norte a sul”. Você conhece o grupo do Anchieta “Show Musical Anchieta Canto e Dança”<sup>70</sup>?

C.M. – O da escola?

N.P. – Sim.

C.M. – Eu vi só um ensaio de vocês.

N.P. – Agora dia 6 de novembro<sup>71</sup> às 20:30 horas na UFRGS, sem custo, apresentaremos o espetáculo de aniversário.

C.M. – No Salão de Atos<sup>72</sup>?

N.P. – Isto.

C.M. – Hã.

N.P. – Te esperarei Christiane.

C.M. – Eu vou.

N.P. – Podes convidar amigos, conhecidos, quem quiseres.

C.M. – De vocês eu vi uma apresentação na Redenção<sup>73</sup> também.

N.P. – Sim.

C.M. – Acho que eu vi só um pedacinho.

N.P. – Na Redenção, foi este ano, no começo de 2010, data da enfermagem.

C.M. – Foi.

N.P. – No dia da enfermagem, o nosso show, foi reduzido. Dia 6, vê se tu vais, é com crianças e adolescentes. Se um dia trabalhares com este tipo de aluno, se precisares de material, eu tenho quantidade e te darei com muito gosto. “Os gaúchos” é um grupo que está com muitas dificuldades.

C.M. – Como a maioria dos artistas.

---

<sup>70</sup> Espetáculo com música e dança promovido todos os anos pelo Colégio Anchieta, desde 1966.

<sup>71</sup> Ano de 2010.

<sup>72</sup> Espaço para espetáculos e formaturas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no campus centro.

<sup>73</sup> Parque da cidade de Porto Alegre.

N.P. – É verdade aqui no Brasil é assim, quem nos dá muita força, o senhor Paixão Cortes, que sem ele não haveria folclore no Rio Grande do Sul, ele e o Barbosa Lessa<sup>74</sup>, já falecido. Temos vários depoimentos gravados de grande importância.

C.M. – Bom, professora, agente finaliza aqui nossa primeira entrevista.

---

<sup>74</sup> Luiz Carlos Barbosa Lessa, nascido em 1929, poeta, folclorista, escritor, músico, advogado e historiador.